

Os perigos da recessão, segundo Carlos Lessa.

"A primeira classe vai afundar junto com o navio da economia brasileira"; mesmo as grandes empresas, e até conglomerados financeiros, "estão perdidos e sem saber o que fazer diante da recessão", que destrói os devedores, deixando os credores em situação difícil. A advertência foi feita ontem no Rio pelo professor Carlos Lessa, da Unicamp e da UFRJ.

O economista, também assessor do PMDB, fez essas afirmações em debate promovido pela Associação Fluminense das Pequenas e Médias empresas (Flupeme), com a participação de diversos conferencistas, entre eles do ex-deputado e presidente do PDS Fluminense, Wellington Moreira Franco. Para fundamentar suas afirmações, Lessa citou o caso de empresas como a Bardella, que de fábrica de bens de capital transformou-se em centro de gestão de aplicações financeiras; da Villares, cuja subsidiária, a Vibasa, só sobrevive às custas do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, e até mesmo de filiais de bancos estrangeiros no Brasil que, para enfrentar os grandes riscos das suas Carteiras de Empréstimos, estão captando recursos a juros muito mais altos que os do mercado.

Sem destino

A crise brasileira, advertiu Carlos Lessa, foge aos padrões clássicos em que um surto de concentração de capitais, com a quebra de muitas pequenas, médias e até grandes empresas, poderia ser a base de uma recuperação da economia, com a ocupação dos espaços vazios pelos que conseguissem sobreviver ou colocar-se favoravelmente antes dos demais.

Segundo ele, o processo recessivo iniciado desde meados da década de 1970, com aumento progressivo da capacidade ociosa resultante da excessiva expansão anterior, levou diversos setores da economia a adquirir dívidas de consumidores, famílias e de outras empresas através de aplicações no mercado financeiro como defesa contra a recessão. Mas como a própria recessão está destruindo os devedores, inclusive o governo, o aprofundamento da crise não terá ganhadores. "Todos caíram na armadilha, inclusive aqueles que defendiam a recessão como saída para a crise", afirmou Lessa. Neste quadro, a própria reaplicação de lucros e a destruição da capacidade ociosa, como formas de recuperação, estão ameaçadas basicamente pelo impasse financeiro.

Autoritarismo senil

O ex-deputado Wellington Moreira Franco criticou de maneira contundente as autoridades econômicas, cuja atuação é orientada "por um autoritarismo senil, que vem da época da colônia" e se desdobra na "arrogância e na manipulação da informação". Para ele, "é preciso romper com o imobilismo da sociedade que, apesar de rejeitar esse estado de coisas e a própria recessão, não se articula politicamente para combatê-lo". Moreira Franco foi interrompido pelos aplausos dos cerca de 50 empresários presentes ao afirmar que as pequenas e médias empresas, na defesa dos seus interesses, "não devem aguardar as benesses do governo imperial, mas fortalecer os partidos políticos e o Congresso Nacional".